

NOTÍCIA DAS TESES DEFENDIDAS E DISSERTAÇÕES APRESENTADAS EM 1999 E DAS PESQUISAS EM ANDAMENTO

Teses (pelo mês da defesa)

F e v e r e i r o

Adriane da Silva Duarte. *O dono da voz e a voz do dono: a parábase na comédia de Aristófanes.*

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Anna Lia Amaral de Almeida Prado.

A b r i l

Patrizia Romana T. Bergamaschi. *A Laudatio Turiae e a representação da mulher romana no final da república e início do império.*

Orientador: Prof. Dr. Ariovaldo Peterlini.

J u n h o

Aécio Flávio de Carvalho. *Uma releitura da Farsália de Lucano: os conjuntos narrativos essenciais.*

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Zelia L. V. de Almeida Cardoso.

N o v e m b r o

Heitor Corradini. *Metalinguagem na obra De lingua latina de Marco Terêncio Varrão.*

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Zelia L. V. de Almeida Cardoso.

D e z e m b r o

João Angelo de Oliva Neto. *Falo no jardim: Priapéia grega, Priapéia latina.*

Orientador: Prof. Dr. Antônio Medina Rodrigues.

Dissertações (pelo mês da defesa)

M a i o

Marly de Bari Matos. *Cartas de Cícero: o exílio, o retorno e a adesão ao triunvirato.*

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ingeborg Braren.

A g o s t o

Agenor Ribeiro Viana. *Uma leitura das Metamorfoses de Apuleio – tradução parcial precedida de introdução.*

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Alice Cúnio da Fonseca.

D e z e m b r o

Christian Werner. *Troianas de Eurípides: estudo e tradução.*

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Filomena Yoshie Hirata Garcia

Pesquisas em andamento (por linha de pesquisa)

Narrativa greco-latina

A áte como via de interpretação da Ilíada.

Doutorando: André Malta Campos. Orientador: Prof. Dr. José Antônio Alves Torrano.

A figura de Afrodite no período arcaico.

Doutoranda: Mary Camargo Neves Lafer. Orientadora: Prof^a. Dr^a. Filomena Yoshie Hirata Garcia.

A retórica na historiografia latina.

Mestrando: Renato Ambrósio. Orientadora: Prof^a. Dr^a. Angélica Chiappetta.

Análise dos hinos homéricos dedicados a Deméter.

Mestranda: Maria Lúcia Gili Massi. Orientador: Prof. Dr. Antônio Medina Rodrigues.

Batracomiomaquia: estudo e tradução.

Mestrando: Fabrício Possebon. Orientador: Prof. Dr. José Antônio Alves Torrano.

Dialogismo e reflexão estética em Petrónio: a Guerra Civil

Mestrando: Alessandro Rolin de Moura. Orientadora: Prof^a. Dr^a. Zelia L. V. de Almeida Cardoso.

Latim clássico e latim vulgar na obra Satiricon de Petrónio.

Doutoranda: Sandra Maria Gualberto Braga Bianchet. Orientadora: Prof^a. Dr^a. Zelia L. V. de Almeida Cardoso.

O mundo das sombras em Virgílio e Homero.

Mestrando: Roosevelt Araújo da Rocha Júnior. Orientadora: Prof^a. Dr^a. Zelia L. V. de Almeida Cardoso.

Poesia lírica, satírica e didática

A lírica de Arquíloco de Paros: fábulas e poemas eróticos.

Prof^a. Dr^a. Paula da Cunha Corrêa.

A natureza da lírica arcaica na Grécia.

Prof. Dr. Antônio Medina Rodrigues.

Estudo do De satyrica graecorum poesi et romanorum satira libri duo de J. Casabon.

Mestrando: Adriano Scatolin. Orientadora: Prof^a. Dr^a. Zelia L. V. de Almeida Cardoso.

O kalòs kagathòs em Teógnis.

Mestranda: Viviane Mayumi Ishizuka. Orientadora: Prof^a. Dr^a. Paula da Cunha Corrêa.

O Livro I dos Pontica de Ovídio: estudo e tradução.

Mestrando: Geraldo José Albino. Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ingeborg Braren.

Os Carmina Priapeia: *tradução e notas*.

Doutoranda: Ileana Rodrigues. Orientadora: Prof^a. Dr^a. Alice Cunio Machado Fonseca.

Teatro greco-latino

A Electra de Sófocles. Tradução, introdução e notas.

Mestrando: Orlando Luiz de Araújo. Orientadora: Prof^a. Dr^a. Filomena Yoshie Hirata Garcia.

A ocorrência da hýbris na tragédia grega.

Mestranda: Maria Cristina Rodrigues da Silva Franciscato. Orientador: Prof. Dr. Antônio Medina Rodrigues.

A Retórica na obra de Eurípides.

Doutorando: Flávio Ribeiro de Oliveira. Orientadora: Prof^a. Dr^a. Filomena Yoshie Hirata Garcia.

Ética e retórica em Eurípides.

Doutoranda: Maria Cecília de M. N. Coelho. Orientadora: Prof^a. Dr^a. Filomena Yoshie Hirata Garcia.

Eurípidaristofanizar: confluências entre tragédia e comédia em Atenas no final do séc. V a. C.

Prof^a. Dr^a. Adriane da Silva Duarte.

O Agamêmnon de Sêneca.

Doutorando. José Eduardo dos Santos Lohner. Orientador: Prof. Dr. Ariovaldo Augusto Peterlini.

O espetáculo na tragédia Otávia.

Mestranda: Andrea Cristina Mendes. Orientadora: Prof^a. Dr^a. Zelia L. V. de Almeida Cardoso.

O *Stichus de Plauto*; *considerações sobre singularidades e convenções*.

Mestranda: Isabella Tardin Cardoso. Orientador: Prof. Dr. Antônio da Silveira Mendonça.

Mostellaria de Plauto

Mestrando: Cosimo Bartolini Salimbeni Vivai. Orientadora: Prof^a. Dr^a. Zelia L. V. de Almeida Cardoso.

Discurso teórico greco-latino

As *Olintíacas* de Demóstenes.

Mestrando: Tércio José Brandão Camara. Orientadora: Prof^a. Dr^a. Filomena Yoshie Hirata Garcia.

Cícero, *De inventione: estudo e tradução*.

Mestrando: Kabengele Ilunga. Orientadora: Prof^a. Dr^a. Angélica Chiappetta.

Cícero, *De senectute*.

Mestrando: Almério Antônio Almeida. Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ingeborg Braren.

De ipsa rhetorices substantia: tradução e análise dos Capítulos 11 a 21 do Livro II da Institutio Oratoria de Quintiliano.

Mestranda: Beatriz Ávila de Vasconcelos. Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ingeborg Braren.

Estudo do discurso de Aristófanes no Banquete de Platão.

Doutoranda: Ana Maria César Pompeu. Orientador: Prof. Dr. José Antônio Alves Torrano.

Lições sobre metáforas, figuras e tropos de gramáticos e retores.

Doutorando: Marcos Martinho dos Santos. Orientadora: Prof^a. Dr^a. Zelia L. V. de Almeida Cardoso.

Magia e superstição no Livro I do Opus agriculturae de Paládio.

Doutorando: Luis Augusto Schmidt Totti. Orientadora: Prof.^a. Dr.^a. Ingeborg Braren.

Miguel Servet e a reforma radical: a Apologia contra Melanchton como programa para a restauração do cristianismo.

Mestranda: Elaine Cristine Sartorelli. Orientadora: Prof.^a. Dr.^a. Ingeborg Braren.

Natureza e lugar dos discursos gramatical e retórico em Quintiliano.

Doutorando: Marcos Aurélio Pereira. Orientador: Prof. Dr. Antônio da Silveira Mendonça.

O Apologético de Tertuliano e a legislação anticristã: introdução, tradução e notas.

Mestranda: Beatriz Castilho Landscheck. Orientadora: Prof.^a. Dr.^a. Álice Cunio Machado Fonseca.

O Da república de Cícero à luz da República de Platão.

Doutorando: Juvino Alves Maia Jr. Orientador: Prof. Dr. Ariovaldo Augusto Peterlini.

O De deo Socratis de Apuleio: tradução, notas e introdução crítica.

Mestranda: Rosângela Maria Souza Silva. Orientadora: Prof.^a. Dr.^a. Álice Cunio Machado Fonseca.

O poder em Roma.

Doutorando: Paulo Martins. Orientadora: Prof.^a. Dr.^a. Ingeborg Braren.

O Protágoras de Platão: tradução, introdução e notas.

Mestrando: Guilherme Mello Barreto Algodual. Orientador: Prof. Dr. Henrique Graciano Murachco.

Os Oneirokritiká de Artemíodoro.

Doutoranda: Anise A. G. d' Orange Ferreira. Orientadora: Prof.^a. Dr.^a. Filomena Yoshie Hirata Garcia.

Os Paradoxa Stoicorum de Cícero: *estudo e tradução*.

Mestrando: Ricardo da Cunha Lima. Orientadora: Prof.^a. Dr.^a. Zelia L. V. de Almeida Cardoso.

Os Topica de Cícero: *estudo e tradução*.

Mestrando: Baltasar Oliveira Alves. Orientadora: Prof.^a. Dr.^a. Ingeborg Braren.

Platão, mito e filosofia.

Prof. Dr. José Antônio Alves Torrano.

Rhetorica ad Herennium: *estudo da elocução*.

Mestranda: Adriana Seabra. Orientadora: Prof.^a. Dr.^a. Angélica Chiappetta.

Rhetorica ad Herennium: *estudo da memória e da ação*.

Mestranda: Elisa Platzek Leonardi. Orientadora: Prof.^a. Dr.^a. Angélica Chiappetta.

Tácito e a nova função da retórica.

Doutorando: Pablo Schwartz Frydman. Orientadora: Prof.^a. Dr.^a. Ingeborg Braren.

Estrutura da frase grega e latina

Os pronomes relativos e demonstrativos nas línguas latina e grega.

Mestrando: Clóvis Luis Alonso Jr. Orientador: Prof. Dr. Ariovaldo Augusto Peterlini.

O uso dos tempos no texto latino.

Doutorando: José Dejalma Dezotti. Orientador: Prof. Dr. Ariovaldo Augusto Peterlini.

Semântica aristotélica.

Doutorando: Luiz Roberto Peel Furtado de Oliveira. Orientador: Prof. Dr. Antônio Medina Rodrigues.

Um estudo sobre as orações subordinadas substantivas em latim clássico.

Doutoranda. Miriam Barcellos Gottens. Orientador: Prof. Dr. Ariovaldo Augusto Peterlini.

Relatório do curso “As paixões na Antigüidade: amor, ira, compaixão”, ministrado no 1º semestre de 2000 pelo Prof. Dr. David Konstan, da Brown University (EUA), a convite do Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP

O que os gregos e os romanos queriam dizer quando usavam termos que traduzimos por “amor”, “ira” e “compaixão”? Se, para eles, essas palavras tinham uma conotação diversa da que têm hoje, como isso se explica? Foram essas as duas questões centrais propostas por David Konstan em seu curso, questões para cujas respostas ele se valeu de fontes antigas tanto literárias quanto filosóficas.

Inicialmente, para justificar a pertinência de tal abordagem, Konstan descreveu a experiência a que havia submetido seus alunos de graduação nos EUA: propôs que cada um elaborasse uma lista com dez emoções ou sentimentos (*παθη*). Como resultado, constatou que era pequena a concordância entre a relação de Aristóteles no Livro II da *Retórica* e a de seus alunos – e que portanto essa diferença era indicio de concepções diferentes sobre as paixões. Além disso, mesmo nos pontos em que havia coincidência – ira ou raiva, por exemplo –, essa semelhança devia ser vista com ressalvas, pois seria apenas aparente. A partir disso, Konstan passou a examinar, nas duas primeiras aulas, a explicação aristotélica para raiva (*οργη*), tanto isoladamente quanto no contexto das demais emoções.

Vista a definição de raiva como sendo “um desejo, acompanhado de dor, de uma manifesta vingança, em razão de uma manifesta desconsideração – em relação a um indivíduo ou seu próximo – vinda de pessoas das quais não se espera uma desconsideração” (1378a) e como um sentimento seguido “de certo prazer” (1378b), foram tecidas considerações sobre o papel, nesse contexto, da dor (*λυπη*) e do prazer (*ηδονη*), que para o filósofo são sensações (*αισθησει*), e não *παθη*: a primeira seria resultado de uma percepção direta da desconsideração, enquanto o segundo estaria ligado à “fantasia” (*φαντασια*) ou imaginação da vingança.

Em seguida, passou-se à distinção que faz Aristóteles entre raiva e ódio (*το μισειν*), este último caracterizando-se, dentre outras maneiras, pelo fato de que não é acompanhado de dor (1382a). Konstan mostrou que isso acontece porque, para Aristóteles, no ódio não há, como na raiva, desejo de vingança, e este deriva da

desconsideração (ολιγωρια), sempre dolorosa. Com isso, foi ressaltado o papel fundamental da desconsideração enquanto acontecimento social que requer capacidade de julgamento, a fim de ser reconhecido como tal, o que levou à conclusão de que a raiva, para Aristóteles, é tudo menos reflexo automático ou instinto, embora tenha bases físicas. Konstan deu um interessante e ilustrativo exemplo a respeito da questão – o de uma mulher que é súbita e violentamente empurrada pelas costas. Mesmo podendo responder à situação com sintomas associados à raiva, o sentimento mesmo só surgirá de fato após um *juízo das intenções* do agressor: se ele tinha o intuito de prejudicá-la sem motivo aparente, ela sentirá raiva, mas se ele o fez com a intenção de salvá-la de um atropelamento, ela sentirá alívio. A raiva também vai depender dos valores da pessoa agredida: se, nesse exemplo, a pessoa quisesse ser atropelada, ela provavelmente sentirá raiva de quem a salvou.

Na seqüência, Konstan retomou a análise aristotélica da desconsideração – apontando as três classes em que se subdivide: desprezo (καταφρονησις), despeito (επηρεασμος) e insolência (υβρις) – e da diferenciação entre raiva e ódio: no primeiro caso, é importante que o outro perceba a reação, enquanto para quem odeia é indiferente se o inimigo percebe o sentimento que lhe é dirigido. A raiva aristotélica, nesse sentido, como mostrou Konstan, é pessoal, voltada a um indivíduo; já o ódio é coletivo, voltado a um grupo ou classe.

Por fim, ele apontou para a estreita ligação que há na definição do filósofo entre a desconsideração, que leva à raiva, e a questão da honra (τιμη): a auto-estima depende da interação social, e, no momento em que alguém vê seu valor ser publicamente rebaixado, perde crédito, e a raiva é exatamente o desejo de se voltar à situação inicial, ou, como disse Konstan, “é o correlato interno para a perda pública de respeito”.

Toda a discussão foi entremeada por referências a episódios de obras gregas e latinas – três notadamente: o embate entre Agamênon e Aquiles no Canto I d’A *Ilíada*, e o tratamento dado pelo Pelida ao cadáver de Heitor no epílogo do mesmo poema; o comportamento de Medéia no drama de Eurípidés; e o assassinato de Turno por Enéias n’A *Eneida*.

Na terceira e quarta aula, o alvo da discussão foi o tema da piedade (ελεος). A hipótese inicial levantada por Konstan foi de que os Deuses gregos seriam pouco propensos à piedade – o que estaria de acordo com a definição de Aristóteles desse sentimento: “É uma dor que se produz por se perceber um mal que é destrutivo ou doloroso em uma pessoa que não o merece – um mal que se pode temer sofrer na própria carne, ou em algum membro da família, sobretudo quando está próximo de nós” (1385b).

Decorreria daí que os Deuses helênicos, por serem “venturosos”, “sempre vivos” e viverem “facilmente” (ou seja, por serem isentos de males), tenderiam menos à compaixão. Como exemplo foi citado o passo do *Ájax* de Sófocles em que Palas Atena incita Odisseu a rir da loucura e da perdição do inimigo; Odisseu, apesar disso e contrariamente à Deusa, mostra compaixão, pois vê em *Ájax* um semelhante seu e tem consciência de que pode ser vítima da mesma desventura. Outro ponto para o qual se chamou a atenção foi o fato de, entre os gregos, não haver um fórmula de invocação divina semelhante à cristã “Senhor, tende piedade de nós”. Na Grécia, a compaixão divina seria, segundo Konstan, “duvidosa”, como atestaria a fórmula homérica “a ver se apieda-se”, dita pelos heróis antes de suplicar a um Deus. Na mesma linha, passando à literatura latina, Konstan citou a concepção de Sêneca de piedade como um vício; analisou, ainda, a etimologia do termo *miser cordia* e seu gradual enfraquecimento diante do estabelecimento da noção de *clementia*.

Em seguida, retornando a Aristóteles, foi abordada a oposição que faz entre, de um lado, piedade (decorrente da má fortuna imerecida), e, de outro, indignação/*νεμεσις* (decorrente da boa fortuna imerecida) e inveja/*φθονος* (decorrente da boa fortuna merecida). Na sua leitura, Konstan mostrou que, na verdade, é bem mais a indignação que contrasta com a piedade, pois à inveja se oporia um outro conceito aristotélico, o de “filantropia” (*το φιλανθρωπον*), que, segundo nos diz o filósofo na *Poética*, é o que se sente “por um homem que sofre o que merece” (1453a). Importante tópico também abordado foi o da ressalva feita por Aristóteles de que, em relação a si mesmo ou a alguém muito próximo, não se sente compaixão, mas horror (*το δεινος*).

Encerrando a quarta aula, foram analisadas ainda as relações entre piedade e jactância e entre piedade e justiça, quando Konstan apontou para a progressiva substituição, no Império Romano tardio, do clamor por justiça pelo clamor por piedade. Três possibilidades foram levantadas para explicar tal mudança: 1. razões econômicas; 2. perda de fé no governo; e 3. mudança no significado de piedade. A questão, porém, foi deixada em aberto.

Na quinta aula, antes de abordar a questão do amor, Konstan discutiu brevemente a concepção do cristão Lactânio (século IV d.C.) da misericórdia como uma *virtude* (*virtus*) que deve se estender a *todos* – concepção diversa da de Aristóteles, que considera eleoj uma *paixão* (*παθος*) restrita aos *semelhantes* (*ομοιοι*). A misericórdia representaria, para esse autor, a união entre os homens, enquanto a religião seria a união com Deus.

Visto o tema da piedade, Konstan passou então a tratar do amor – mais exatamente do papel sedutor e erótico exercido pelo jovem na Antigüidade. O ponto de

partida da discussão o verso 415 da *Lisístrata* de Aristófanes, que se refere ao objeto de desejo feminino – “um jovem que não tem um pênis de menino” –, ao qual se juntaram outros exemplos, como os cultos a Átis e Adônis e as figuras de Dioniso nas *Bacantes* e de Hipólito na peça homônima. No mesmo sentido, chamou-se a atenção para o fato de que os principais heróis homéricos, todos adultos, jamais são vistos como “apaixonantes” ou “sedutores”, com a única exceção de Páris, do qual, contudo, como se ressaltou, não há indicação de que fosse um jovem. Dentro desse contexto, foi abordada também a relação entre o *εραστής*/amante e o *ερωμεινός*/amado – com a menção a certos casos em que este último, um adolescente, era motivo de disputa entre um homem e uma mulher (às vezes até mesmo entre um casal). A exposição terminou com a seguinte interrogação: por que, no Livro I da *Eneida*, Dido, tal qual nos diz Vergílio, fica inflamada por Cupido (que se faz passar por Ascânio, filho de Enéias), quando o esperado seria que se dissesse que a rainha estava inflamada pelo herói, por quem afinal o Deus a fizera se apaixonar?

A resposta, segundo propôs Konstan já em sua aula final, poderia ser obtida caso considerássemos que Ascânio no poema não é propriamente um menino, mas um adolescente, o que nos permitiria integrar o passo à prática antiga da erotização juvenil. Nessa altura, Konstan salientou que a paixão de uma mulher madura e poderosa por um rapaz era associada à paixão pederástica masculina, e que esta, por sua vez, era sempre hierárquica e polarizada, sendo um dos pares ativo (cidadão) e o outro passivo (jovem, escravo).

Finalmente, foram lidos vários poemas de Catulo (como os dirigidos a Juventius) em que, não obstante, essa hierarquia aparece muitas vezes relativizada, com os papéis sexuais se alternando constantemente. No último poema analisado, foi ainda posta em destaque a diferenciação feita pelos latinos entre *amor* e *amicitia* – esta, um sentimento eterno, perpétuo, e aquele, uma efêmera e passageira paixão.

Relatório

ANDRÉ MALTA CAMPOS*
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
da Universidade de São Paulo

NOTA

* Doutorando em Grego do Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da FFLCH-USP.